

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**O CATOLICISMO RÚSTICO NA GUERRA DO CONTESTADO**

**CURITIBA  
2005**

**ADILSON ALBUQUERQUE**

**O CATOLICISMO RÚSTICO NA GUERRA DO CONTESTADO**

Trabalho de conclusão do curso de pós-graduação especialização em História, realizado sob a orientação do professor Dr. Luiz Carlos Ribeiro, como requisito parcial para conclusão do curso.

**CURITIBA  
2005**

*“... É preciso  
aguardar o dia,  
para esperar que passe a escuridão,  
que a nostalgia decida ir embora,  
que a saudade dê tréguas,  
e volte a esperança  
de que tudo pode ser melhor.  
E será”!*

*(Valter Maurício Goedert)*

**À Rosangela,**  
Carinhosa incentivadora, generosa e  
compreensiva para com as horas roubadas.

**À Jennifer e Jessika,**  
que souberam conviver com as necessárias  
ausências.

***Dedico.***

## ÍNDICE

|   |    |
|---|----|
| Introdução.....   | 01 |
| Capítulo I – Origem e Aspectos Sócio-Econômico-Político e Religioso da Região |    |
| Contestada .....  | 03 |
| 1.1. Localização Geográfica e a questão do nome “Guerra do<br>Contestado..... | 03 |
| 1.2. Clima e Relevo da Região do Contestado.....                              | 04 |
| 1.3. Processo de Povoamento da Região do Contestado.....                      | 05 |
| 1.4. Sistema de Habitação.....  | 07 |
| 1.5. Características do Homem do Contestado.....                              | 08 |
| Capítulo II – Igreja Católica e Catolicismo Rústico.....                      |    |
| 2.1. Catolicismo Romanizado.....  | 11 |
| 2.1.1. Movimento de reforma dos Bispos.....                                   | 12 |
| 2.1.2. Processo de evangelização na região contestada.....                    | 15 |
| 2.1.2.1 Frei Rogério Neuhaus.....   | 16 |
| 2.2. Catolicismo Rústico.....   | 18 |
| 2.2.1. Monges.....  | 19 |
| 2.2.1.1. João Maria de Agostini.....  | 20 |
| 2.2.1.2. João Maria de Jesus .....  | 23 |
| 2.2.1.3. José Maria .....   | 25 |

|  |    |
|--|----|
| Capítulo III – O Fundamento Religioso dos Caboclos na Guerra do Contestado.... | 30 |
| 3.1. Da morte para o “Exército Encantado” .....                                | 30 |
| 3.2. Motivações da adesão.....   | 32 |
| 3.3. A Vila Santa.....   | 34 |
| 3.4. A Santa Religião.....   | 36 |
| 3.4.1. Disciplina.....   | 37 |
| 3.4.2. A Santa Irmandade .....   | 37 |
| 3.4.2.1. Formas .....  | 37 |
| 3.4.2.2. Igualitarismo .....   | 38 |
| 3.4.2.3. Virgindade e Inocência .....  | 39 |
| 3.4.2.4. Festas .....  | 39 |
| 3.5. Um final trágico .....  | 40 |
| Capítulo IV – Do “Exército Encantado” Para a Memória do Povo .....             | 42 |
| 4.1. Lugares e movimentos que evocam a memória dos monges .....                | 42 |
| 4.1.1. Grutas e Santas Águas .....   | 43 |
| 4.1.2. Imagem de “São João Maria” .....  | 43 |
| 4.1.3. Questões ligadas a terra .....  | 44 |
| 4.1.3.1. Romaria da Terra .....  | 45 |
| 4.1.3.2. Assentamentos .....   | 45 |
| Conclusão .....  | 47 |
| Bibliografia .....   | 49 |

## INTRODUÇÃO

Uma vasta região catarinense denominada "Região do Contestado," entre os anos 1912-1916, foi importante palco de uma das lutas mais sangrentas presenciada em solo nacional. As causas que deram origem a este lamentável acontecimento foram várias, entre as quais podemos destacar: à questão de limites entre os Estados de Santa Catarina e Paraná; à questão da estrada de ferro São Paulo - Rio Grande e sua construtora; ao mandonismo local; à marginalização do homem; à Campanha do Contestado e a religiosidade popular. No entanto, no presente trabalho será evidenciado mais este último aspecto, ou seja, a questão religiosa presente na Guerra Contestado e as suas implicações no decorrer do conflito. Por isso, se dará um destaque todos especial a figura dos monges João Maria de Agostinho, João Maria de Jesus e José Maria, que influenciaram sobremaneira a região.

A Igreja Católica neste período terá inúmeras dificuldades para desenvolver o seu trabalho pastoral frente aos caboclos da região. À distância, os meios de locomoção, a grande extensão, são empecilhos que, associados a um Catolicismo Romanizado difícil de ser assimilado pelos sertanejos, fizeram estes se aproximarem cada vez mais dos monges.

Os três monges foram importantes para que se criasse no povo caboclo uma consciência, um imaginário de unidade, um sentido de pertencimento, esperança e refúgio (socorro) frente a situação precária que se encontravam e diante da Guerra do Contestado.

As condições de vida dos sertanejos se tornavam a cada dia mais difíceis. A idéia do "dia final" fervilhava cada vez mais a mente de tais pessoas. Viam a necessidade do ajuntamento para melhor viverem a devoção do sagrado. No entanto, os dois primeiros monges devido à característica de peregrinos não permitiram que se fizesse ajuntamentos a sua volta. No entanto, o terceiro monge vai permitir que os caboclos fizessem ajuntamentos a sua volta chegando a constituir pequenos redutos, mas logo é combatido e morto pelas forças do governo. Mas o seu retorno junto com o "Éxército Encantado de São Sebastião" é aguardado com ansiedade por parte de seus seguidores. Idéia que estará presente durante toda a Guerra do Contestado nas diversas formas de exaltação da religiosidade por parte dos caboclos.

Na fase final da Guerra do Contestado os caboclos são massacrados e dispersados pela região. Por longo tempo, vencidos e humilhados, seus sobreviventes e descendentes procuraram apagar a imagem pública que lhes restou: de fanáticos, jagunços, bandidos e revoltosos. No entanto, quando a própria sociedade procurou redimir-se com o tratamento dado aos caboclos, podemos perceber com maior clareza que muitas lembranças se encontram na memória do povo, entre elas a dos monges que permanece viva até os dias de hoje.

## CAPÍTULO I

### ORIGEM E ASPECTOS SÓCIO – ECONÔMICO - POLÍTICO E RELIGIOSO DA REGIÃO DO CONTESTADO

#### 1.1. Localização Geográfica e a questão do nome "Guerra do Contestado"

As terras localizadas entre os rios Iguaçu e Uruguai, que atualmente formam as regiões do Sudoeste do Estado do Paraná, e do Oeste do Estado de Santa Catarina, tendo a Argentina no Extremo Oeste e a Serra Geral a Leste eram conhecidas como "Contestadas" desde 1853 quando o Paraná foi desmembrado da Província de São Paulo. Era uma região contestada porque se tratava de limites de terras que eram disputadas pelos Estados do Paraná e Santa Catarina.<sup>1</sup>

O conflito social ocorrido nos primeiros anos de 1900 não envolveu todo o imenso território, mas apenas parte dele, em terras, hoje, de Santa Catarina, onde o conceito de "Região do Contestado" passou a abranger somente o campo em que se desenvolveu a campanha militar.

A guerra do Contestado ainda é de muita polêmica. Alguns historiadores e comentadores sobre o assunto, afirmam que a guerra nada tem a ver com a questão de disputa de limites entre Paraná e Santa Catarina, ou que sua influência foi de simples importância não contribuindo para o desenrolar da guerra, para Walter CAVALCANTI é

"Guerra do Contestado, porque teve lugar na zona contestada entre os Estados do Paraná e Santa Catarina, mas não guerra pelo contestado, que em momento nenhum, foi disputado naquela prolongada luta' ... 'A designação" do contestado "não significa que ela foi travada ou foi causa de disputa pela zona contestada entre os Estados do Paraná e Santa Catarina, como alguns pretendiam fazer crer."<sup>2</sup>

<sup>1</sup> AURAS, Marli. *Guerra do Contestado: a organização da irmandade cabocla*. p. 25.

<sup>2</sup> CAVALCANTI, Valter Tenório. *Guerra do Contestado: verdade histórica*. p. 22,23.

Autores como Hércion RIBEIRO colocam a questão de limites entre os dois Estados como o problema central da eclosão da guerra. Para este autor, "foi o problema de limites entre o Paraná e Santa Catarina que fez eclodir a repressão institucionalizada no sertão todo. Esse foi o fato detonador."<sup>3</sup>

Geograficamente, o episódio bélico, referindo ao contestado, está localizado: ao norte, pelo curso dos rios Negro e Iguaçu; ao sul, pelos campos de Curitiba e Campos Novos; a Oeste, pelo rio do Peixe; e a Leste pela antiga Estrada da Mata, atual traçado da Rodovia BR 116.

## 1.2. Clima e Relevo da Região do Contestado

O clima da região é sub-tropical, semi-temperado com uma média anual de 17°C. Tanto o rigor do frio seco do inverno, como o forte e úmido calor do verão, sempre fizeram sentir na região do Contestado, antes dos desmatamentos e das agressões ao meio ambiente, a caracterização das quatro estações do ano.

A região possui altitude oscilantes entre 600 e 1200 metros. "A área de que tratamos situa-se entre os 26° e 28° de latitude sul, e aproximadamente de 50° a 52° a oeste de Greenwich. Compreende grande parte dos formadores do Negro, Iguaçu, Pelotas e Uruguai".<sup>4</sup>

Na maior parte do solo sílico-argiloso (tipo terra roxa) está inserida o Planalto Catarinense, onde predomina a floresta de araucárias, na qual se encontram capões, faxinais e taquarais, entre as matas de pinhais e os campos de grama.

Além dos pinheiros, em forma de um cálice, também havia em abundância a imbuia, a ervateira, o cedro, a canela e a palmeira.

---

<sup>3</sup> RIBEIRO, Hércion. "Contestado: A Força dos Fracos". *Revista Eclesiástica Brasileira*. Vol. 47, fasc. 186, Junho de 1987, p. 394.

<sup>4</sup> VINHAS DE QUEIROZ, Maurício. *Messianismo e Conflito Social (A Guerra Sertaneja do Contestado: 1912-1916)*. p. 17

Em 1912 existiam apenas as vilas de Lages, Curitiba, Campos Novos e Canoinhas, sob administração catarinense, e as de rio Negro, União da Vitória e Palmas, com autoridade Paranaense. Havia também alguns povoados como os de Papanduva e Itaiópolis. Ao longo da ferrovia existiam apenas algumas estações de trem, onde merece destaque, Nova Galícia, Calmon, São João, Rio Caçador e Rio das Antas.

A grande maioria da população habitava o interior, pois as atividades mais intensas eram verificadas nas fazendas, nos grandes latifúndios. Os caboclos também se dedicavam as suas pequenas lavouras, onde retiravam seu sustento.

### **1.3. Processo de Povoamento da Região do Contestado**

A região do Contestado não foi, desde o início da povoação, objeto de ocupação das primeiras frentes expansionistas que do Rio de Janeiro e São Paulo adentraram no interior, mas sim, uma expansão que veio posteriormente a das correntes bandeirantes. Rumo ao Sul, estas "passavam à margem do território do Contestado (na época dominada pelos temidos Kaigang e Xokleng) quando se dirigiam aos Sete Povos das Missões, onde visavam o aprisionamento de escravos e índios guaranis." <sup>5</sup>

Segundo estudos realizados por Maurício Vinhas de QUEIROZ, antes mesmo

"da chegada dos conquistadores, essas terras entre o Iguaçu e o Uruguai já eram habitadas. Nelas viviam os Kaigangs, que cultivavam o milho e preferiam levantar aldeias nos campos abertos, e os Xocrén, os quais falavam uma língua pertencente ao mesmo tronco, mas desconheciam o cultivo da terra, e, praticando a coleta e a caça, percorriam em constantes correrias o âmago das florestas e araucárias, que lhes serviam de refúgio e abrigo".<sup>6</sup>

Com as passagens desses exploradores, pelo caminho ficavam vários expedicionários mais aventureiros, onde aproveitavam o conhecimento dos guaranis

<sup>5</sup> THOMÉ, Nilson. *Sangue, suor e Lágrimas no Chão do Contestado*. p. 22.

<sup>6</sup> VINHAS DE QUEIROZ, Maurício. *Messianismo e Conflito Social (A Guerra Sertaneja do Contestado: 1912-1916)*. p.19.

para extraírem a erva-mate e criarem gado selvagem, de onde retiravam seu sustento.

Mais tarde, com a abertura da Estrada da Mata, ou o Caminho do Sul, começaram a surgir as estâncias, instaladas por soldados e civis, lusos e castelhanos, que arrebanhavam o gado das Missões, domesticando-o e criando-o solto pelas coxilhas e pelos campos.

De acordo com os estudos de Nilson THOMÉ, sobre a região do Contestado,

"A partir de, 1730 começaram a circular pela estrada as manadas de muares, rumo a Sorocaba, no conhecido ciclo de comércio de bois, cavalos e mulas - sendo esta picada no sertão também tida como linha de limite com a capitania de Santa Catarina, criada em 1738, desmembrada de São Paulo."<sup>7</sup>

Os campos serviam de internadas para as tropas procedentes do Sul, fazendo com que muitos paulistas e mamelucos neles se estabelecessem para explorar os "pousos". A partir desta picada, aberta no sertão, os novos habitantes adentraram rumo a Oeste, no terreno do Contestado que ainda não lhes era conhecido.

Sendo assim, podemos dizer que na sua fase pioneira a região do Contestado foi ocupada por duas grandes frentes, uma promovida pelo Paraná e outra por Santa Catarina, que foram responsáveis pelas pessoas que deram origem ao homem típico da região do Contestado. Ou seja:

"a frente de ocupação do Paraná, que começou ainda com São Paulo, a partir de Guarapuava estendeu-se a Clavelândia, a Palmas e a União da Vitória, atingindo os Campos do Irani e de São João; a corrente de colonização por imigrantes partiu da Lapa e Rio Negro, estendendo-se a Papanduva, Itaiópolis, campos de Corisco e Alto Rio do Peixe. A frente de ocupação promovida por Santa Catarina a partir de Lages, estendeu-se a Curitiba e Campos Novos, atingindo os campos de Corisco, de São João, chegando aos questionados campos de Palmas. A corrente migratória colonial envolveu Canoinhas, margem esquerda do Rio Iguaçu, e Vales dos rios Timbó, Paciência e do Peixe."<sup>8</sup>

Até a deflagração do conflito armado, residiam antigos caboclos, oriundos destas frentes expansionistas; fazendeiros, detentores de sesmarias titulares ainda por São Paulo e Paraná; caudilhos gaúchos, remanescentes da revolução

<sup>7</sup> THOMÉ, Nilson. *Sangue, Suor e Lágrimas no Chão Contestado*. p. 23.

<sup>8</sup> *Ibidem*. p. 27, 28.

Farroupilha; esparsos grupos de guaranis, kaigangs e xoklengs, perdidos das tribos e das tradições; isolados imigrantes poloneses e alemães, que adentraram no sertão incentivados pelas ofertas de colonização; ex-integrantes de bandos de bugreiros, caçadores de índios que conheciam o sertão; ex-combatentes da Guerra do Paraguai e desertores das tropas da revolução Federalista, após o cerco da Lapa e a retirada dos irmãos Saraiva.

Estes habitantes pioneiros assistiam à fixação de famílias de ex-trabalhadores na construção da ferrovia. Juntos, mesclados ou não, passaram a formar a geração matuta que povoou o contestado.

#### **1.4. Sistema de Habitação**

O sistema de habitação dos caboclos era constituído por casas muito simples, sem nenhum adorno e com poucas comodidades.

"O padrão de moradia não passava de um simples rancho feito com taboas rústica, bruta, ou de treliças de palha e barro, deixando muitas frestas, sem pintura alguma, sujo e enegrecido, por fora pelo tempo e por dentro pela fumaça que sai do sapecar da erva. Coberto de tabuinhas ou folhas de palmeira e taquara ou coro de boi, janelas sem vidros. Geralmente era construída em baixadas onde podiam ter água natural, no interior da casa havia apenas uma ou duas divisões, banheiros nem pensar".<sup>9</sup>

geralmente utilizavam a mata, ou construíam, a alguns metros da casa, uma patente, onde faziam suas necessidades.

Tomavam banho, e lavavam-se em sangas ou arroios. Colocavam muitos enfeites nas paredes, cadeiras de palha e bancos de pau, camas conjuntas, onde dormiam um do lado do outro, as janelas possuíam tramelas, a arma ficava atrás da porta.

Assim o homem do contestado, o caboclo, revelava grande hospitalidade e generosa amizade. Nas suas casas nunca faltava o café e o chimarrão.

---

<sup>9</sup> Ibidem. p. 21.

Além de hospitaleiro, o caboclo era um homem místico e religioso, "...a religiosidade era uma riqueza do caboclo..."<sup>10</sup> Era, antes de tudo, um devoto de "São João Maria", fiel seguidor da figura, do mito e da idéia do monge, tenha sido ele um ou mais monges, pregador ou charlatão, curandeiro ou apóstolo, santo ou guerreiro. "Quase sempre, o monge substituía o padre oficial da Igreja Católica, que raramente aparecia pela região".<sup>11</sup>

Curvava a cabeça em respeito aos padres que os visitavam, ouvia a Palavra de Deus pela Bíblia, mas em casa guardava a imagem de seu protetor, (ainda hoje, em muitas casas da região do contestado podemos encontrar, dependurada na parede, a figura do monge) e não esquecia as profecias de um futuro que se prenunciava ser violento.

### **1.5. Características do Homem do Contestado**

Com relação as características do homem do contestado, em determinada época, era definido "mais pelo seu padrão cultural do que pela composição racial de seus membros. O sertão uniu brancos, negros e índios, os puros e os mestiços".<sup>12</sup>

O homem do contestado possuía uma forte personalidade, o que o fazia impor-se, apenas dividindo a primazia após a chegada dos imigrantes europeus recentes, que viam no caboclo um ser inferior, inculto e selvagem.

Não demorou muito e logo os imigrantes "se curvavam diante da sabedoria deste ser, que conhecia a mata, distinguia o solo, previa o tempo, falava a linguagem da natureza, reconhecia o perigo à distância, praticava a auto-medicação, e se sentia à vontade nas suas terras, estranhas aos recém chegados." <sup>13</sup>

---

<sup>10</sup> RIBEIRO, Hércion. "Contestado: A força dos Fracos". *Revista Eclesiástica Brasileira*. vol. 47, fasc. 186, Junho de 1987, p.401.

<sup>11</sup> TOTA, Antonio Pedro, *Contestado: a guerra do novo mundo*. p.28,29.

<sup>12</sup> *Ibidem*. p. 19.

<sup>13</sup> *Ibidem*. p. 19.

Caboclo era, pois, "o cidadão do Planalto Catarinense, desde o século passado, proletário do campo, do sertão e da roça; era o sertanejo, o caipira, um matuto acanhado, era lento no pensar e no falar, era bastante místico, um homem extremamente desconfiado." <sup>14</sup>

Homem que também era bravo, indolente como um temido guerreiro indígena, sempre que fosse preciso, pois trazia isso também no seu sangue. "Tinha dentro de si um alto sentimento de justiça, do bem, e do coletivismo dos desbravadores e povoadores".<sup>15</sup>

O caboclo, ou o homem do contestado, era assim, não compartilha com outros os seus defeitos e as suas qualidades. Era extremamente corajoso e violento se fosse preciso e ao mesmo tempo ele era uma pessoa franca, leal e honrada, que sabe respeitar os outros.

O homem do Contestado não desempenhava apenas uma atividade, ele se dedicava a diversas tarefas no seu dia a dia. Ele era, por exemplo: criador, lavrador, caçador, peão, agregado, mateiro, serrador, lenhador, etc., tudo isso ao mesmo tempo. Gente humilde, simples e podemos dizer, que "fundamentalmente essa gente pode ser caracterizada como pobre e crente" <sup>16</sup>, e talvez esse foi um dos motivos que contribuiu para que essa gente lutasse na Guerra do Contestado.

A sua família bem como a terra onde vivia eram como se fossem praticamente o seu mundo, a sua maior riqueza e, uma vez perdida, ficaria difícil continuar vivendo sem elas. "Não se desapegava dos modismos dialetais, e nem de certos hábitos arraigados, como o cigarro de palha, o trago de cachaça, o largo e constante uso de

---

<sup>14</sup> Ibidem. p. 20.

<sup>15</sup> Ibidem. p. 21.

<sup>16</sup> RIBEIRO, Hércion. "Contestado: A força dos Fracos". *Revista Eclesiástica Brasileira*. vol. 47, fasc. 186, Junho de 1987, p. 401.

apelidos, fala gritante, mas de sílabas compassadas, rapidez e muita eficiência no agir, o uso de uma faca na cintura".<sup>17</sup>

No entanto, aos olhos de muitas pessoas da época, o caboclo do contestado era visto de uma forma depreciativa - como atesta o jornal "O Paraná", de Ponta Grossa, a 21 de fevereiro de 1914 - "... com o produto dos suínos engordados pelo pinhão, o caboclo provê as suas poucas necessidades. Uma muda de roupa, um revólver Smith-Wesson, ou uma carabina Winchester bastam à sua ambição. O mais é tocar sanfona e dormir. A ignorância dessa gente é absoluta. A maioria não sabe contar além de cem".

Enfim, não é possível dar uma definição clara ao homem do contestado, porque o mesmo não surgiu de repente, seu surgimento na região confundiu-se com a própria formação antropológica dos habitantes do Oeste Catarinense, que até hoje possuem um padrão étnico-cultural diferindo entre si nas raízes e na origem, nos usos e nos costumes, na língua e no folclore, nas crenças e nas raças.

---

<sup>17</sup> THOMÉ, Nilson. *Sangue, Suor e Lágrimas no Chão Contestado*. p. 21.

## CAPÍTULO - II

### IGREJA CATÓLICA E CATOLICISMO RÚSTICO

Fizeram parte do mundo religioso dos sertanejos da região contestada os Frades Franciscanos e os "monges". Por isso, a expressão religiosa dos sertanejos encontrava-se entrelaçada com elementos do catolicismo dito romanizado e na sua maioria influenciado por uma religiosidade de cunho mais popular chegando mesmo até a algumas práticas supersticiosas.

#### **2.1. Catolicismo Romanizado**

Para melhor entendermos a pastoral desenvolvida pelos padres no período da guerra do Contestado precisamos situar o processo pelo qual a Igreja do Brasil estava passando naquele momento. Para isso, precisamos retroceder até a metade do século XIX, porque é onde começa todo um período de reforma na Igreja do Brasil, como veremos a seguir.

Inspirado no Concílio de Trento (século XVI), o projeto reformador conseguiu implantar um novo modelo de Igreja, que se estenderá até os anos 50 e 60 de nosso século.

Esse projeto de reforma se dará em três fases distintas, mas ligadas entre si: 1ª. fase – 1840-1889: Reforma da Igreja (reforma do clero e do povo cristão); 2ª. fase -1890-1920: reorganização eclesiástica; 3ª. fase – 1920-1960: restauração católica.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> AZZI, Riolando. *"Igreja e Estado no Brasil: Um Enfoque Histórico". Perspectiva Teológica. Ano XIII- n° 29 - 31, 1981. p. 12.*

Dessas três fases, falaremos apenas das duas primeiras e de forma geral, pois é nestas que o nosso interesse está centrado no momento.

### **2.1.1. Movimento de reforma dos bispos**

Este movimento tinha em mente duas metas principais: primeiro superar a tendência liberal do clero em querer uma Igreja de caráter nacional; segundo a reforma do catolicismo popular do povo, visto como expressão de ignorância e superstição.<sup>2</sup>

O termo “reforma” foi utilizado porque foi o mesmo empregado pelos bispos da segunda metade do século XIX em suas cartas pastorais. Também porque eram inspirados nas mudanças (reforma) do Concílio de Trento e era isto que os bispos queriam, uma reforma do catolicismo, das práticas do povo, do clero, com relação ao catolicismo que se vivia aqui (catolicismo devocional).

A principal dificuldade para implantação de um modelo tridentino, de inspiração romana será o próprio clero: como substituir um clero que vivia muitas vezes amasiado e comprometido com as reformas sociais por um clero que observasse o celibato e não tivesse vínculo com as questões políticas.

A idéia básica da reforma é desvincular a Igreja daquela idéia de cristandade que levou os padres a terem um vínculo com a política. O novo clero deve preocupar-se com as questões religiosas e não políticas.

O catolicismo a ser implantado será sacramental, dependente do clero, diferentemente do catolicismo popular que não dependia do clero.

Como não podiam contar com a colaboração do clero daqui do Brasil. Os bispos chamam a colaboração do clero da Europa que já viviam essa reforma. O

---

<sup>2</sup> AZZI, Riolando. *O Altar Unido ao trono: um projeto conservador*. p. 29-38.

clero que mais contribuirá (destacará) é a Congregação da Missão (Vicentinos). Assumiram a maioria dos seminários, já que um dos carismas dessa congregação era a formação do clero. Também vieram outros padres para a reforma: os capuchinhos e os jesuítas (que haviam sido expulsos em 1759). As congregações femininas que vieram foram as Filhas da Caridade (saúde) e as de São José de Chembery (educação). A presença desses religiosos contribuíram para que o catolicismo do Brasil aos poucos fosse se aproximando mais do europeu. "A consequência seria necessariamente um catolicismo pregado segundo esquemas europeus, com uma visão de coisa, com uma mentalidade e uma doutrinação que somente a duras penas se ajustava aos condicionamentos locais e às reais necessidades da Igreja do Brasil".<sup>3</sup>

O movimento de reforma tinha suas metas bem definidas:

1. relação externa: ser mais autônoma com relação ao Estado para o fortalecimento da instituição eclesiástica. Até essa época a Igreja era vista como departamento do Estado. Os bispos viam essa independência do Estado como condição para a reforma na Igreja, tanto do clero como do povo;
2. a reforma do clero é encarada em duas perspectivas: primeiramente trazendo padres de outros países (Europa); em segundo lugar obrigar o clero que está aqui a ter uma vida mais exemplar e formar um clero novo (Congregação encarregada da formação). "Se as novas congregações foram implantadas no Brasil sob a perspectiva romana, também as antigas ordens dos beneditinos, carmelitas e franciscanos foram reformadas dentro do padrão romanizante"<sup>4</sup>;
3. visava o povo: queria reformar o catolicismo popular para um catolicismo mais tridentino. Os bispos reformadores irão fazer através de um maior número de

---

<sup>3</sup> LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. *A presença da Igreja no Brasil*. p. 59.

<sup>4</sup> AZZI, Riolando. *O Estado Leigo e o Projeto Ultramontano*. p. 6.

visitas do bispo nas paróquias, missões populares (pregadas pelo clero vindo de fora), novas devoções, nova catequese com o intuito de "purificar" o catolicismo. Para que o povo tivesse uma vida (expressão) mais relacionada ao Concílio de Trento, os bispos tomaram uma série de medidas práticas: eliminar dos cultos elementos que nada tinham a ver com o religioso, uma "purificação litúrgica". Exigem que o clero assumam cada vez mais as expressões de cultos e associações religiosas. Por isso, todos os movimentos que surgem no final do século XIX tinham um líder do clero. Desta maneira, é possível notar uma mudança muito grande no catolicismo brasileiro, passa-se de um catolicismo laical para um catolicismo clerical, do culto familiar para o templo, das rezas para a missa, ou seja, há um deslocamento do leigo para o clero. Esse deslocamento acabará privilegiando a vida do clero e diminuindo figura do leigo que ocupará somente posições subalternas.

O movimento da reforma busca colocar a Igreja nos moldes da Igreja Romana. Segundo Roger Bastide<sup>5</sup> podemos destacar quatro aspectos fundamentais:

1. A afirmação de uma Igreja institucional e hierárquica que se estenda a todas as facções populares do catolicismo. Faz com que tudo seja dependente da hierarquia (hierarquização da religião).
2. A emergência reformista do episcopado para controlar a doutrina, a fé, as instituições, a educação do clero e do laicato.
3. A dependência cada vez maior da Igreja do Brasil de padres estrangeiros que vieram para fazer tal mudança. A passagem de um catolicismo tradicional, popular, santeiro para um catolicismo mais universal.

---

<sup>5</sup> AZZI, Riolando. *O Altar Unido ao trono: um projeto conservador*. p. 35.

4. A busca desses objetivos (romanização) independentes e às vezes contra os interesses políticos locais.

A estas características, Ralph DELLA CAVA, acrescenta mais uma: a integração sistemática da Igreja brasileira, tanto no plano institucional ou ideológico, em estruturas cada vez mais centralizadoras inspiradas no modelo de Roma.<sup>6</sup>

O catolicismo reformado teve maior desenvolvimento no sul. Esse fato se deve aos imigrantes europeus que já estavam acostumados com tal catolicismo na Europa. Também porque a maioria das congregações religiosas acabaram se centralizando no sul.

Concluindo, pode-se dizer que o processo de romanização da Igreja do Brasil foi um movimento de reforma dos Bispos do Brasil com o apoio dos institutos religiosos, tendo como finalidade vincular a Igreja do Brasil à Igreja de Roma, transformar a Igreja do Brasil em um instituição romana. Para isto precisou substituir um modelo de Igreja da Cristandade para um modelo de Igreja do Concílio de Trento, definindo as preocupações (campo de atuação) da Igreja (espiritual) e do Estado (questões sociais, econômicas e políticas).

### **2.1.2. Processo de evangelização na região contestada**

O processo de colonização do planalto catarinense e toda a região contestada se dará muito tardiamente. Em decorrência disso a presença da religião católica só se dará de uma forma mais efetiva no final do século XIX com os franciscanos alemães que se instalaram em Lages.

As dificuldades dos Frades em percorrer longas distâncias, tendo como meio de locomoção o lombo de burro, mula e cavalos, através de pequenos caminhos de

---

<sup>6</sup> DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Juazeiro*. p. 43.

(picadas), fará com que o processo de romanização, pretendido pela Igreja do Brasil, aconteça de maneira vagarosa e sem muita ressonância frente aos caboclos.

Embora a presença do Padre, que acontecia a cada dois ou três anos, fosse motivo de festa e alegria, isso não quer dizer que estava necessariamente ligado ao fator religioso, mas mais como um espetáculo de diversão do que de religião, como atesta Frei Rogério: "Só quando havia festa, o povo acorria, mas em abstraído de raras exceções - não para rezar, mas para se divertir" <sup>7</sup>.

No entanto, um dos maiores obstáculos para os Padres introduzirem um catolicismo de cunho mais romanizado era a pregação dos monges. Isto não significa que as missas não fossem bem aceitas, ao contrário, mas também o trabalho dos monges o era e com uma vantagem, eles estavam constantemente em contato com o povo.

Outra dificuldade é que os Frades cobravam pelos serviços prestados (batismo, casamento, missa), por isso eram vistos com uma certa desconfiança por parte dos caboclos. Enquanto que os monges não cobravam e tinham até um certo despreendimento das riquezas.

Dentre os Frades, merece destaque Frei Rogério Neuhaus, considerado por muitos o grande evangelizador da região contestada e por ter tido contato com os dois últimos monges que influenciaram em grande parte a maioria dos caboclos daquela região.

#### **2.1.2.1. Frei Rogério Neuhaus<sup>8</sup>**

De origem alemã, nasceu em 1863 na Paróquia Borken. Filho de camponeses, foi criado num ambiente altamente religioso. Aos domingos

---

<sup>7</sup> SINZIG, Frei Pedro. *Frei Rogério Neuhaus*. p. 83.

<sup>8</sup> *ibidem*, p. 83.

freqüentava a Igreja e tinha que ficar atento ao sermão do padre, pois teria que repeti-lo para o seu pai em casa e para o professor no dia seguinte.

Ao completar o curso da escola elementar, Rogério Neuhaus, é aceito na ordem franciscana. Dedicou-se ao estudo da filosofia, teologia, línguas, ciências gerais, retórica e poética. Foi ordenado em agosto de 1890 e no final de 1891, com mais sete religiosos, viajou para o Brasil, chegando na Bahia no dia 2 de dezembro desse mesmo ano.

Por causa da "necessidade de aclimatação e da aprendizagem do português, escolherem para residência a pequena povoação de colonos alemães, chamada Teresópolis, no Estado de Santa Catarina." <sup>9</sup>

O número "reduzidíssimo" de sacerdotes em Santa Catarina fez com que o Bispo do Rio de Janeiro<sup>10</sup> encarregasse os franciscanos alemães para tomarem conta da vasta Paróquia de Lages, cujo vigário havia falecido em outubro de 1891.

Frei Rogério chega a Lages em fevereiro de 1892, a qual não possuía uma população muito grande, mas era o principal centro de referência da Serra-Acima. A primeira tarefa do Frei foi o restabelecimento do prédio da Igreja matriz.

A paróquia de Lages possuía poucas capelas, espalhadas pelo planalto afora, as quais eram visitadas pelo Frei em do lombo de animais (mula, burro, cavalo). Nessas visitas deparava-se com o "indiferentismo" religioso do homem do planalto, algo que causava angústia para quem fora criado num ambiente altamente religioso. "Quase não se conhece a recepção dos sacramentos, da confissão e comunhão. Mesmo os melhores elementos não tinham confessado desde doze anos atrás". <sup>11</sup>

Frei Rogério sentiu a necessidade de reunir as crianças para instruí-las e prepará-las para a primeira comunhão. Nas suas andanças pelo interior funda novas

---

<sup>9</sup> Ibidem. p. 64.

<sup>10</sup> Os Franciscanos serão encarregados pelo Bispo do Rio de Janeiro para tomarem conta da Paróquia de Lages, porque até o ano de 1892 Santa Catarina pertencia a Diocese do Rio de Janeiro.

<sup>11</sup> SINZIG, Frei Pedro. *Frei Rogério Neuhaus*. p.82.

capelas e para um melhor atendimento dos fiéis permanecia alguns dias em cada localidade onde batizava, atendia confissão, rezava missa, fazia casamento, exorcizava e quando necessário dava a extrema unção.

A atitude de Frei Rogério frente aos caboclos se dava de forma antagônica: ao mesmo tempo que compreendia as práticas religiosas dos caboclos (resultante da ignorância), as condenava de forma enérgica. No entanto, não os via como inimigos mortais da Igreja, mas. Apenas, como pessoas que precisavam ser esclarecidas.

Quanto à atitude dos caboclos frente ao Frei também se dava de maneira dúbia; se por um lado era visto por muitos como um santo, sendo capaz de realizar prodígios tão grandes como os realizados pelo monge: curava enfermos, "eliminou as baratas da cozinha do convento de Lages e as nuvens de gafanhotos de Curitiba. Por outro lado, o povo o via com uma certa desconfiança, causada pela facilidade com que o Frei circulava nas ante-salas do poder.<sup>12</sup>

O que bem sabemos é que o Frei servia de elo entre o mundo inculto do catolicismo rústico e o mundo culto do catolicismo erudito. Embora esses dois mundos se influenciassem mutuamente.

## **2.2. Catolicismo Rústico**

O catolicismo rústico é caracterizado por práticas mágicas de origem medieval européia, indígena ou africana, decorrentes do estado de vida em que se encontravam os sertanejos, desprovidos de inúmeros recursos: vida simples - religião simples, como descreve Vinhas de Queiroz:

"Como em outras partes do Brasil rural, havia ali nas vilas, nos arraiais, no meio dos latifúndios pastoris ou nas posses que se escondiam no âmago das florestas, um número proporcionalmente enorme de curandeiros, benzedores,

---

<sup>12</sup> Ibidem. p. 101-103.

mandraqueiras, entendidos, puxadores de reza, adivinhos, penitentes, capelões leigos".<sup>13</sup>

Segundo Vinhas de Queiroz, nas circunstâncias em que viviam os sertanejos, em estado de desprendimento e abandono, era perfeitamente compatível a aceitação de conselhos, crenças em profecias e em castigos sobrenaturais. Escreve o referido autor:

"Mágicos ou sacerdotes, todos esses homens e mulheres eram agentes através dos quais aquela sociedade arcaica e patrimonialista acreditava poder alcançar num plano sobrenatural o que lhe era negado pelo atraso técnico ou pela injustiça - real e imaginária - das relações existentes entre os homens".<sup>14</sup>

### 2.2.1. Monges

O termo monge aqui empregado recebe uma denominação própria e não está relacionada ou ligada a vida de algum mosteiro, mas ao contrário, serve para designar alguns eremitas que não tinham nenhuma ligação com a hierarquia eclesiástica.

" 'Monge', - é bom explicarmos já - que na acepção da língua quer dizer religioso de mosteiro, para o nosso caboclo, significa outra cousa: é um homem que se tomou pela sua vida austera de anacoreta e pelas rezas, um profeta, um santo, um mediador entre Deus e a sua criatura... corresponde mais ou menos aos 'beatos' nordestinos." <sup>15</sup>

Os monges eram pessoas que estavam muito ligadas à vida do povo, com uma presença constante, ajudando-os na reza e curando-os de algumas enfermidades (águas santas e chás medicinais). Não cobravam por suas atividades prestadas. Segundo Monteiro "a figura do monge é inseparável da vida sertaneja".<sup>16</sup>

A relação entre os padres e esses monges na maioria das vezes era incompatível. No entanto, nem todos os padres pensavam assim, é o caso de Frei

<sup>13</sup> VINHAS DE QUEIROZ, Maurício. p.50.

<sup>14</sup> Idem, p. 51.

<sup>15</sup> ÁVILA DA LUZ, Aujor. *Os Fanáticos: crimes e aberrações da religiosidade de nossos caboclos*. p.82.

<sup>16</sup> MONTEIRO, Douglas Teixeira, *Os Errantes do Novo Século*. p. 81.

Solano Shimidt, ao afirmar que "as ações dos monges serviam de apoio para o trabalho que realizava".<sup>17</sup>

Os monges que marcaram a região do Contestado foram três: João Maria de Agostini, João Maria de Jesus e José Maria.

### 2.2.1.1 João Maria de Agostini

Personagem lendário, conhecido pela região do contestado, não sendo difícil de encontrar uma imagem sua em algumas casas, águas santas, ou cruzeiros. Concebido como homem santo, sua imagem é facilmente encontrada junto as demais imagens dos santos da Igreja Católica (canonizados). Muitos milagres e prodígios foram e ainda são atribuídos a ele.

Possivelmente esteve ligado a alguma ordem religiosa, embora não haja nenhuma comprovação, pois vestia hábito e justificava a sua peregrinação como meio de exercício de seu ministério.<sup>18</sup>

Sua origem é italiana, tendo nascido no Piemonte em 1801. Sobre a sua chegada no Brasil nada se sabe, apenas que esteve no Pará de onde viajou para o Rio de Janeiro, no vapor Imperatriz, chegando à Corte Imperial em 19 de Agosto de 1844. Em dezembro do mesmo ano apresentou-se na Câmara Municipal de Sorocaba (Província de São Paulo). Deixa o termo de apresentação de estrangeiros datado de 24 de dezembro de 1844:

"Fr. João Maria d'Agostini, natural de Piemonte, Itália, idade 43 anos, solteiro, profissão de Solitário Eremita, vindo para exercer o seu ministério. Declarou residir nas matas do Termo desta cidade, muito principalmente na do morro da Fábrica de Ferro de Ipanema, e ter chegado no dia 24 de dezembro de 1844".<sup>19</sup>

<sup>17</sup> PAUWELS, Geraldo. "Contribuição para o Estudo do Fanatismo no Sertão Sul-Brasileiro". *Revista de Filosofia História*, Tomo II, Fascículo 3, 1933, p. 193.

<sup>18</sup> SILVEIRA, Juvenal Borges da. *Quem foi o monge Maria de Agostini?* Blumenau em Cadernos, (16), 1975, pós moderno. 33-35.

<sup>19</sup> FACHEL, José Fraga. *Monge João Maria: recusa dos excluídos*. p. 15.

As suas características físicas são descritas como sendo alguém de "estatura baixa, cor clara, tinha grisalhos os cabelos, pardos os olhos, regulares o nariz e a boca, a barba cerrada e o rosto comprido. Como particularidade digna de nota assinalou ser João Maria de Agostini aleijado de três dedos da mão esquerda".<sup>20</sup>

Em Sorocaba viveu numa gruta no Morro de Araçoiaba. Sendo um local privilegiado, pois era um famoso centro comercial de gado que vinha do sul pelo caminho das tropas. Posto de parada dos peões, tropeiros, operários e camponeses, fez com que estes espalhassem a fama do monge que passou a ser procurado por inúmeros visitantes. Alguns o visitavam por curiosidade, "outros em busca de lenitivos espirituais ou materiais para seus males".<sup>21</sup>

As vezes assistia a missa na Capela da Fábrica de Ferro de Ipanema e que depois dela dirigia-se aos assistentes. Segundo Cabral, "... nada consta a respeito de haver proferido em tais práticas palavras que conduzissem à heresia ou ao cisma".<sup>22</sup>

O tempo que ele permaneceu no Morro Araçoiaba, não se sabe direito. Também não se sabe ao o caminho que tomou, apenas que ao deixar Sorocaba rumou para o Paraguai, território das Missões Correntinas, indo chegar no Rio Grande do Sul. Aí esteve em São Borja (580 km a pé), Cerro de Botucaraí e finalmente em Campestre (Santa Maria), onde se instalou por um certo tempo numa fazenda, residindo num cerro alto, que possuía uma fonte d'água cristalina com "teor curativo". Com a ajuda do povo construiu uma ermida no alto do cerro, instalando uma imagem de Santo Antão, pertencente aos povos das missões. Neste lugar

---

<sup>20</sup> CABRAL, Oswaldo R.. *João Maria: interpretação da Campanha do Contestado*. p. 100.

<sup>21</sup> FACHEL, José Fraga. *Monge João Maria: a recusa dos excluídos*. p.18.

<sup>22</sup> CABRAL, Oswaldo R... *João Maria: interpretação da Campanha do Contestado*. p. 111.

tornando-se muito famoso, atraindo para lá muitas pessoas (inclusive da Argentina e Uruguai), que acorriam a ele em busca de cura por meio da água.

Sua estadia no Campestre dura do ano de 1847 a 1848, quando é preso por ordem do General Andréia que o envia ao General Antero José Ferreira de Brito, então presidente da Província de Santa Catarina. Chegando em Santa Catarina, desejou ir para a Ilha do Arvoredo, a fim de não mais causar constrangimentos. No entanto, mesmo assim, as pessoas encontravam meios para irem até o monge. Isto fez com que ele deixasse a Ilha e tomasse outros rumos.

Após a saída do monge da Ilha do Arvoredo, não sabemos ao certo o seu trajeto, apenas que no ano de 1851 esteve na Lapa, onde recebeu autorização do vigário local para pregar na Matriz, é o que atesta o Jornal o Estado do Paraná: "nos anos 1840 a 1850, residiu lá, por pouco tempo, um monge que provavelmente foi sacerdote, porque consta que com licença do então vigário, Pe. Luís de Carvalho, pregou na Matriz".<sup>23</sup>

Também foi registrada a passagem do monge por Rio Negro e Mafra, onde está relacionado com a ereção de cruzeiros.

No ano de 1856 conta-se que esteve no vilarejo de Lajes (Santa Catarina), onde também erigiu o seu cruzeiro.

Sobre o final de sua vida, não sabemos ao certo, apenas que retomou para Sorocaba. Sua morte é datada diferentemente por dois autores: segundo Aloísio de Almeida, teria sido por volta do ano de 1865, enquanto que para João Lourenço Rodrigues, teria sido por volta do ano de 1870.<sup>24</sup> Quanto ao local, ninguém sabe: pode ter sido no Paraguai, Sorocaba ou Araraquara??? O que sabemos é que permanece vivo na memória de muitas pessoas. "Em verdade, o homem que

---

<sup>23</sup> GORNISKI, Aramis. *Monges, Vidas, Milagres, Histórias, Lendas*. p.42-43.

<sup>24</sup> CABRAL, Oswaldo R. *João Maria: interpretação da Campanha do Contestado*. p. 163.

misteriosamente surgira no Brasil, mantendo absoluto segredo sobre o seu passado, nunca desvendado a quem quer que fosse, e que pudesse revelá-lo, também misteriosamente desapareceu".<sup>25</sup>

### 2.2.1.2 João Maria de Jesus: Prolongamento do Peregrino

Nas duas últimas décadas do século XIX, o Brasil se encontra num quadro de grande efervescência marcado por questões militares, abolição da escravatura - descontentamento do setor latifundiário, queda da monarquia - proclamação da República. No sul do país a revolução de 1893 (federalistas x republicanos), na Bahia a questão de Canudos. É neste contexto que aparecerá um segundo monge nas terras denominadas contestadas.

João Maria de Jesus, o segundo monge, andou pela região sul do país no final do século XIX, procurou identificar-se com João Maria de Agostinho, com quem apresentava alguns traços em comum. Sobre isso, Oswaldo Rodrigues Cabral argumenta: "fez reviver a sua memória, ampliou a área em que a mesma se tornaria conhecida e tornou uma só pessoas as que eram duas".<sup>26</sup>

Sobre João Maria de Jesus, quem nos dá uma descrição bem concisa é Ângelo Dourado:

"O monge é um tipo especial que convém ser conhecido. Caminha só por estes sertões, nada conduz, nada pede. Se chega a uma casa, dão-lhe de comer, ele só aceita o que é mais frugal e em pequena quantidade; não dorme dentro das casas a não ser nas noites de chuva torrencial. Conversa com os moradores sem ostentação, sem impostura, sua conversa é calma, como que fala para si só, porém todos o ouvem, todos lhe obedecem; sua figura é humilde, porém todos o respeitam e estimam. Nunca diz para onde vai, nem quando. Anoitece e não amanhece; raramente, porém, passa por um lugar mais de uma vez. Que chova, quer os rios estejam transbordando, vai-se. Não há canoas e ele passa, ninguém sabe dizer como passou".<sup>27</sup>

<sup>25</sup> Ibidem. p. 142.

<sup>26</sup> Ibidem. p. 163.

<sup>27</sup> DOURADO, Ângelo. *Voluntários do Martírio - Narrativa da Revolução de 1893*. Porto Alegre, Martins Livreiro – Editor/1977, p. 218-219. Ângelo Dourado foi médico das tropas federalistas. No caminho de volta, passando pelo Vale do Rio do Peixe, rumo ao território gaúcho, encontrou-se com João Maria de Jesus. Deixou o diálogo citado na obra acima citada.

Num encontro com Frei Rogério, quando este indaga sobre a origem do monge, ele responde prontamente: "Eu nasci no mar - criei-me em Buenos Aires, e faz onze anos que tive um sonho, percebendo nele claramente que devia caminhar pelo mundo durante quatorze anos, sem comer carne nas quartas-feiras, sextas-feiras e sábados, e sem pousar na casa de ninguém. Vi-o claramente".<sup>28</sup>

No ano de 1895 no Alto da Lapa se tem notícias desse segundo monge chamado Anastás (ou Anastasis) Marcaf, que dizia ser de origem francesa ou síria.

Quando soube da morte de Gumercindo Saraiva,<sup>29</sup> não acreditou, afirmando que "quem estava morrido" era Pinheiro Machado<sup>30</sup> e que Gumercindo viajava para Porto Alegre, acompanhado por um exército de anjos: "Gumercindo não morrerá, mas apenas desaparecera milagrosamente, para do mesmo modo se apresentar de novo, quando se encetasse o último e decisivo combate pelo restabelecimento da ordem de Deus, assim pregava em toda a parte".<sup>31</sup>

Sobre a influência da Revolução Federalista e utilizando-se dos relatos bíblicos do fim do mundo, esse monge tenha preconizado a Guerra do Contestado, anunciando que as pragas de gafanhotos assolariam os campos, e pestes desconhecidas se alastrariam, deixando "muito pasto e pouco rastro". O gafanhoto, de modo metafórico, foi associado à serraria Lumber e outras que provocaram os desmatamentos e conseqüentemente outros fenômenos na região.<sup>32</sup>

Falava com sotaque espanhol, carregava consigo um crucifixo e imagens de santos, acampava onde tivesse água boa e não permitia que o acompanhassem ou fizessem ajuntamentos em torno de si, talvez para não sofrer represálias das

---

<sup>28</sup> SINZIG, Frei Pedro. *Frei Rogério Neuhaus*. p.157.

<sup>29</sup> Gumercindo Saraiva era comandante dos federalistas (maragatos) na Revolução de 1893.

<sup>30</sup> Pinheiro Machado era comandante dos republicanos (pica-paus) na Revolução de 1893.

<sup>31</sup> PAUWELS, Geraldo. 1933. p.192.

<sup>32</sup> VINHAS DE QUEIROZ, Maurício. *Messianismo e conflito social. A guerra sertaneja do Contestado (1912-1916)*. p. 61.

autoridades. Aceitava apenas oferendas de alimentos como queijo, leite e verduras. Tinha o costume de plantar cruzeiros (como o primeiro monge).<sup>33</sup>

Em dezembro de 1897, na localidade de Capão Alto, próximo a Lages, encontrou-se com Frei Rogério, em tal encontro ambos discutiram sobre pregações apocalípticas e referência ao que está escrito na Bíblia. João Maria de Jesus acusa um frade de ter mandado matar bugres, o que é negado por Frei Rogério. Este proíbe o monge de batizar crianças (o que vinha fazendo), a não ser em caso eminente de perigo de vida e o convida a participar da missa no dia seguinte. João Maria de Jesus participa da missa, onde Frei Rogério em sua pregação fala ao povo para não seguirem os conselhos do monge.<sup>34</sup>

O seu desaparecimento se iguala ao primeiro, envolto em mistérios, "uns dizem que desapareceu antes de 1900; outros que foi encontrado por volta do ano de 1907, semimorto numa linha férrea perto de Ponta Grossa," vindo a morrer em seguida, alguns ainda afirmam que "desapareceu no morro "encantado" do Taió". Enfim, "desapareceu. Mas permanece no coração dos excluídos, de toda uma vasta região do sul do Brasil. E reforçou a lembrança e a imagem do primeiro monge: João Maria d'Agostinho".<sup>35</sup>

### **2.2.1.3 José Maria: O Monge da Revolta**

O seu aparecimento na região do contestado se deu no ano de 1911, no município de Campos Novos - Santa Catarina, instalando-se na fazenda do Coronel Henrique de Almeida. Foi recebido pelo povo como irmão de São João Maria, fato que não negava nem afirmava, entretanto reconhecia a superioridade de seu

---

<sup>33</sup> SILVA, Cleto da. *Apontamento Históricos de União da Vitória (1768-1933)*. Curitiba, Max Roesner e Filhos Ltda, s/d. p.67-68.

<sup>34</sup> SINZIG. Frei Pedro. Op. cit., p. 153 à 158.

<sup>35</sup> FACHEL, José Fraga. *Monge João Maria: Recusa dos Excluídos*. p. 53.

antecessor admitindo que "não era nem do tamanho de uma formiguinha" em comparação a ele.<sup>36</sup>

O seu possível nome era Miguel Lucena de Boaventura, sendo desertor do Exército ou da Força Policial do Paraná. No entanto, ele dizia ser irmão do monge João Maria d'Agostinho, passando a utilizar o nome de José Maria de Santo Agostinho.

Assim como os dois primeiros monges, tinha o costume de receitar ervas medicinais para a cura de diversos males.

Contrariamente aos seus antecessores, admitia ajuntamento e gostava de popularidade. Organizou acampamentos com tarefas bem determinadas para cada um nos "quadros santos". Sendo um admirador do imperador Carlos Magno, inspirava-se nas leituras dele para constituir uma guarda especial (24 caboclos ou os Doze Pares de França).

Igualmente aos caboclos, não tinha um ideário político, mas era simpatizante da monarquia. Interessava os caboclos a terem terras para plantarem, criarem e viverem em paz.

A sua fama estendeu-se rapidamente e muitos vinham até ele em busca de remédios e conselhos. Foi convidado pelos festeiros (Manuel Alves de Assumpção Rocha, Eusébio Ferreira dos Santos, Praxedes Gomes Damasceno e Chico Ventura), para participar da Festa do Senhor Bom Jesus, que se realizou no dia 6 de agosto de 1912, na localidade de Taquaruçú.<sup>37</sup>

---

<sup>36</sup> LEMOS, Alfredo de Oliveira e Zélia A. *A história dos fanáticos em Santa Catarina parte de minha vida naqueles tempos-1913/1916*. p.17

<sup>37</sup> "No dia 6 de agosto de 1912, no lugarejo chamado Taquaruçú, realizou-se a tradicional Festa do Senhor Bom Jesus, abrilhantada pela presença de José Maria. Uma pequena multidão lá se encontrava. Findo os festejos ao invés de se dispersarem, engrossa o número de indivíduos que se juntam ao novo monge, mesmo porque boa parte daquela gente não tinha para onde ir" (AURAS, Marti. *A Guerra Sertaneja do Contestado: organização da irmandade cabocla*. Florianópolis: Cortez, 1984. p. 61).

Durante os festejos tomou conhecimento da situação do povo que se queixava do superintendente-prefeito de Curitiba, o "Coronel" Francisco Ferreira de Albuquerque. Após os festejos, José Maria resolveu permanecer na localidade de Taquaruçú por mais um mês, o que acabou desagradando o Coronel Albuquerque, achando que isso não passava de manobras de pessoas ligadas a Henrique de Almeida, seu opositor. Ainda mais, quando o monge não atende a um pedido seu para ir até Curitiba medicar um parente que se encontrava doente, afirmando que a "distância da casa do Coronel à sua era igual à da sua à do Coronel".<sup>38</sup>

Diante da recusa do monge, o Coronel Albuquerque resolveu intimá-lo a comparecer na Vila de Curitiba, o que não veio a acontecer. Com isto, o Coronel telegrafou para o seu compadre e governador de Santa Catarina, Vidal Ramos, comunicando que os fanáticos haviam proclamado a monarquia nos sertões do Taquaruçú. Fato que não passou de trova, onde a trova vencedora terminava com um "viva a monarquia", sendo repetida pelos expectadores.

Tal comunicado alarmou Florianópolis e Curitiba. Ganhando destaque na imprensa do Rio de Janeiro. Rapidamente se deslocou para a região de Taquaruçú um contingente de polícia militar do Estado que não atacou, porque não houve dificuldades que obrigassem o emprego da violência para dissolver o grupo. José Maria atendeu as autoridades e, levantando acampamento com um contingente em torno de 40 homens (já que os demais dispersaram) rumaram para o Estado vizinho, passando por Campos Novos e Catanduvas, foram parar em Irani, que pertencia a Palmas (Paraná).<sup>39</sup>

O governo do Paraná por sua vez entendeu este fato como uma invasão de catarinenses armados em seu território para garantir a execução da sentença do

---

<sup>38</sup> VINHAS DE QUEIROZ, Maurício. *Messianismo e Conflito Social (A guerra sertaneja do Contestado: 1912-1916)*. pg. 87 e 83-86.

<sup>39</sup> CABRAL, Oswaldo R. *João Maria: interpretação da Campanha do Contestado*. p. 183.

Supremo Tribunal Federal a Santa Catarina o direito "uti-possidetis - das terras litigiosas que iam até os 'espanhóis confinantes', entre o Iguazu e o Uruguai (Rios)".<sup>40</sup>

Por isso, mandou um contingente de setenta homens da Força de Segurança, comandados pelo Coronel João Gualberto Gomes de Sã. Estes passaram por União da Vitória no dia 12 de outubro de 1912, onde se abasteceram e seguiram caminho. Quando chegaram em Palmas, o Coronel Domingues Soares, chefe político local, preocupado com o rumo dos acontecimentos, procurou contornar a situação, juntamente com o Tenente Busse e um piquete rumou em direção a Irani. No caminho encontraram-se com João Varela e José Júlio Farrapo, criadores de gado da região, que afirmaram que José Maria não queria briga. O Tenente escreve para o comandante informando-o da situação de José Maria e seus seguidores. João Gualberto intima José Maria a comparecer em seu acampamento o mais rápido possível, caso contrário atacaria o reduto do monge. Este com medo de ser maltratado, solicita vinte e quatro horas para retornar a Santa Catarina. João Gualberto não aceita tal pedido e resolve atacar o acampamento que se dará na madrugada do dia 22 de outubro de 1912. Tal acontecimento é descrito por Vinha de Queiroz da seguinte maneira:

"Uns a cavalo, outros a pé, eles (sertanejos) evitaram ao máximo o tiroteio e atravessando uma funda canhada onde desapareciam da vista das forças legais, caíram de supetão, a garrucha e a facão e pau, sobre os soldados. O auge do combate se produziu em torno da metralhadora engasgada. No meio da luta, José Maria caiu prostrado por uma bala. Quando já se dispersava correndo a força do Paraná, João Gualberto - que não pudera montar porque outro lhe fugira com o cavalo - foi cercado e morto por um pequena multidão de caboclos enfurecidos".<sup>41</sup>

Caem mortos os dois líderes, tanto do lado das forças do governo, como o representante dos caboclos. No entanto, para estes a morte de seu líder não era um

---

<sup>40</sup> Ibidem. p. 183.

<sup>41</sup> VINHAS DE QUEIROZ, Maurício. *Messianismo e Conflito Social (A guerra sertaneja do Contestado: 1912-1918)*. Queirós. p. 106-7.

fato tão consumado, pois acreditavam que José Maria não havia morrido, apenas se retirara para o Morro Encantado do Taió, para voltar com o exército encantado de São Sebastião. O seu corpo na sepultura foi apenas coberto com algumas tábuas para facilitar a ressurreição.

Amargando o fato de perderem o seu líder, os caboclos retiraram-se para suas casas (quem ainda possuía) ou vagueavam sem destino alimentando a esperança na ressurreição de José Maria para breve.

### **CAPÍTULO III**

## **O FUNDAMENTO RELIGIOSO DOS CABOCLOS NA GUERRA DO CONTESTADO**

O fundamento religioso dos caboclos na Guerra do Contestado não é algo que apareceu de forma aleatória, mas foi se constituindo de maneira lenta e compassada. Como vimos nos dois capítulos anteriores, foram várias as influências procedentes, tanto de um catolicismo rústico, como de um catolicismo romanizado. Sendo que a influência deu-se sobretudo pelo primeiro modelo, especialmente na figura dos monges.

O grande destaque no período da Guerra do Contestado fica a cargo do terceiro monge, José Maria. Este, através de suas atividades e maneira de se comportar, permitiu uma maior aproximação das pessoas, chegando até a formação de redutos. No entanto, a sua maior contribuição ainda estava por vir com a sua morte, a qual não será vista pelos caboclos como fim, mas apenas como passagem e retorno para um futuro próximo.

#### **3.1. Da morte para o “Exército Encantado”**

Alguns autores descreveram que os seguidores do monge José Maria, após o combate no Irani, espalharam-se pelo interior difundindo a crença na ressurreição, como atesta Marli Auras: “Um dos fiéis que participou da luta, disse que viu quando ele estava ‘fugindo pelas nuvens num cavalo’. Ele não havia morrido, apenas

desaparecera”.<sup>1</sup> Procuram dar um novo sentido ao acontecimento, para eles o monge não havia morrido, apenas havia "passado", bem como os caboclos que "passaram" para o "Exército Encantado de São Sebastião".<sup>2</sup>

Em Taquaruçu, como descreve Maurício Vinhas de Queiroz, espalha-se que José Maria, quando ainda vivo, havia profetizado para Rocha Alves, Chico Ventura e Euzébio, que não o acompanharam ao Irani:

"Eu vou começar a Guerra de São Sebastião em Irani, com os meus homens que lá me esperam. Mas olha, Euzébio, marque bem o dia de hoje. No primeiro combate sei que morro, mas no dia que completar um ano me esperem no Taquaruçu que eu venho com o grande exército de São Sebastião"<sup>3</sup>

Essa idéia de ressurreição parece ter ficado impregnado no povo caboclo. Ainda mais quando por volta de um ano após o combate, como que para tornar real a profecia, num lugar chamado Perdizes Grandes, a filha de Euzébio Ferreira dos Santos começou a ter visões, afirmando que o monge José Maria havia aparecido a ela e que era para o povo reunir-se no Taquaruçu.<sup>4</sup>

Euzébio com a sua família instala-se no Taquaruçu, no segundo semestre do ano de 1913, e tão logo a notícia se espalha, outras famílias foram se achegando e o número de pessoas aumentava dia a dia à espera do fenômeno.

Esse ajuntamento de pessoas começou a preocupar as autoridades que tentaram resolver a questão por intermédio dos padres. Frei Aurélio Stulzer descreve a visita de frei Rogério a Taquaruçu, feita em 08 de dezembro de 1913. No acampamento estavam presentes 92 homens; o padre tenta convencer as pessoas reunidas a desistirem do agrupamento e voltarem para as suas casas. No entanto, o povo não ouve o Frei, mas ao contrário, acabam molestando-o por meio de insultos

---

<sup>1</sup> AURAS, Marii. *A Guerra Sertaneja do Contestado: organização da irmandade cabocla*. Florianópolis, 1984. p.69.

<sup>2</sup> FELIPPE, Euclides José. *O Último Jagunço*. p. 122.

<sup>3</sup> VINHAS DE QUEIROZ, Maurício. *Messianismo e Conflito Social (A guerra sertaneja do Contestado: 1912-1916)*. p. 110

<sup>4</sup> VALENTINI, Delmir José. *Da Cidade Santa à Corte Celeste: Memórias de Sertanejos e a Guerra do Contestado*. p.103.

e promessas de morte <sup>5</sup>. Este fato é importante porque marca o rompimento entre os "fanáticos" e o catolicismo oficial.

Houve um rompimento não só para com o catolicismo oficial, mas para com tudo aquilo que segundo os caboclos representava a opressão e o "mundo velho". Parece-nos que os caboclos queriam a inauguração de um "novo tempo" para a instauração de uma nova ordem transfigurada, como descreve Douglas Teixeira: "O reino não seria nem deste mundo, nem do outro mundo, mas neste mundo renovado. Não o colocavam, portanto, em um Além, visto como lugar de beatitude espiritual" <sup>6</sup>.

A maneira de vivenciar essa nova ordem esteve presente nas Vilas Santas através da Santa Religião e suas práticas que prefiguravam o Reino. Parece que a idéia de ressurreição do monge José Maria acabou contribuindo para que muitas das atividades religiosas e organizacionais desenvolvidas por ele também ressurgissem, como é o caso dos quadros santos e dos "Pares de França".

Ao procurar descrever a maneira de vivenciar o religioso por parte dos caboclos no período da Guerra do Contestado, não podemos fazer de uma forma muito generalizada, pois como atestam alguns autores, isso dependia muito de cada reduto e de cada fase, onde aparecerão diversas formas de organização e concepção.

### **3.2. Motivações da adesão**

Segundo a entrevista concedida pelo senhor Miguel Correia de Souza (participante da Guerra do Contestado) e relatada por Delmir José Valentini, a forma para arregimentar se dava através de piquetes, pequeno grupo de pessoas a cavalo,

---

<sup>5</sup> STULZER, Frei Aurélio. *A Guerra dos Fanáticos (1912-1916)*. Petrópolis: Vozes, 1982. p.46.

<sup>6</sup> MONTEIRO, Douglas Teixeira. *Os Errantes do Novo Século*. p.139.

que visitavam os arredores e vizinhanças e convidavam os moradores a entrarem para a irmandade. “Uns eram forçados outros iam de livre vontade. Nós tava no mato escondido, mas tinha muito parente e conhecido nos reduto, de repente chegou um piquetão de jagunço e levou nós prá lá, se não nós não ía, nem prá lá, nem prá cá, de medo.”<sup>7</sup>

A adesão do povo caboclo ao movimento contestado não estava relacionado a um único fator, mas a uma pluralidade de motivos comuns, bem como de situações críticas singulares. Lembrando que a “pressão grupal deveria favorecer a ocorrência de verdadeiras conversões”.<sup>8</sup>

O caráter religioso do movimento rebelde sobrelevava a todos os demais aspectos. Um exemplo típico está relacionado com a pessoa de Antonio Tavares Júnior, que mesmo nunca tendo sido um crente da Santa Religião, utilizava uma linguagem e um quadro ideológico próprio dos “irmãos”. Isto é percebido em uma carta sua dirigida a um subcomandante no dia dois de janeiro de 1915, onde ele utiliza expressões com as quais busca legitimar a sua autoridade de modo sobrenatural: “Obedecendo ordens do Sr. João Maria..., e termina com recomendações aos subordinados para que não percam “a graça de Deus e a fé em seu João que é o único amparo que temos”.<sup>9</sup>

O que ocorre é uma espécie de pastoral cabocla capaz de aglutinar as duas modalidades de política: a política secular, ligada aos problemas dos limites, e a sagrada.

Adesão como prolongamento dos conflitos locais em um outro plano também devem ser consideradas.

---

<sup>7</sup> VALENTINI, Delmir José. *Da cidade santa à corte celeste: memórias de sertanejos e a guerra do contestado*. p. 92.

<sup>8</sup> MONTEIRO, Douglas Teixeira. *Os Errantes do Novo Século*. p. 103.

<sup>9</sup> *Ibidem*. p. 104.

As motivações religiosas, primeiro mesclaram-se com as de ordem secular e, depois, as sobrepujam. No entanto, será que os caboclos queriam uma luta armada ou apenas um novo modo de vida. No caso da luta, será que as pessoas levariam consigo crianças, mulheres e idosos ao aderirem ao movimento, como relatou Douglas Teixeira Monteiro com relação ao caboclo Paulinho Pereira que aderiu ao movimento levando consigo um filho adolescente e uma filha de dez anos.<sup>10</sup>

Com o passar do tempo às pessoas, que não queriam entrar nos redutos de maneira livre, foram coagidas a fazerem parte através da força: "Muita gente entrou à força para o movimento; por medo dos jagunços, outros entraram pela persuasão de grandes castigos sobrenaturais".<sup>11</sup>

### 3.3. A Vila Santa

Lugar de habitação religiosamente legitimado, onde a irmandade se fixava, praticando a Santa Religião, proclamando as verdades escondidas pelos padres<sup>12</sup>, sujeitando-se a uma ordenação moral definida. Protegidos contra as calamidades anunciadas para o "dies irae" (dia final)<sup>13</sup>, os que ali se reunião estavam do lado certo, aguardando a ressurreição dos monges, a volta gloriosa dos que para o lado deles tinham-se passado, a instauração da monarquia e a grande renovação.<sup>14</sup>

Sabe-se que os redutos eram caracterizados pelo ajuntamento de pessoas de diferentes classes e condições sociais, no entanto, para Maurício Vinhas de Queiroz

---

<sup>10</sup> Ibidem. p. 107.

<sup>11</sup> LEMOS, Alfredo de Oliveira e Zélia A. *A História dos Fanáticos em Santa Catarina e parte da minha vida naqueles tempos: 1913-1916*. p. 55.

<sup>12</sup> d'ASSUMPÇÃO, Herculano Teixeira. *A Campanha do Contestado*. p. 349-350. PEIXOTO, Demerval. *A Campanha do Contestado*. p. 403-404.

<sup>13</sup> d'ASSUMPÇÃO, Herculano Teixeira. *A Campanha do Contestado*. v. I, p. 139.

<sup>14</sup> MONTEIRO, Douglas Teixeira. *Os Errantes do Novo Século*. p. 108.

o grosso da jagunçada era constituída por agregados (lavradores) pobres e simples peões.<sup>15</sup>

Esses acampamentos eram denominados redutos, feitos em clareiras abertas na mata, que surgiam da noite para o dia. O tamanho de cada reduto ou o número de pessoas era variado, destacando-se entre eles o de Santa Maria que chegou a ter cerca de cinco mil habitantes.

A maior parte dos mantimentos eram doações de famílias que se mudavam para os redutos e que levavam seus bens para serem divididos com os demais.<sup>16</sup>

Nos redutos todos podiam usufruir do gado, dos alimentos e mesmo do dinheiro. Só não eram utilizados em comum e nem podiam ser negociados entre os "irmãos" os pertences pessoais animais, montarias e armas.

Na fase inicial a fartura e o entusiasmo religioso animavam e garantiam a fraternidade. Muitos tinham lá uma vida melhor do que aquela que tinham anteriormente. "Era bonito, muita gente, muita grande religião, só rezavam, não existia malvadeza".<sup>17</sup>

Os irmãos não concentraram-se numa única aglomeração, mas estavam inseridos nas diversas vilas santas, dentre as quais duas adquiriram características de centros da irmandade: Taquaruçu e Santa Maria.<sup>18</sup>

Taquaruçu porque foi o lugar da primeira afirmação de José Maria como líder da irmandade, e de sua primeira manifestação após a morte, com isto vai conservar um lugar privilegiado. Enquanto que Santa Maria se tornará importante por suas condições topográficas favoráveis na defesa contra o inimigo. "A primeira,

---

<sup>15</sup> VINHAS DE QUEIROZ, Maurício. *Messianismo e conflito social (a guerra sertaneja do Contestado: 1912-1916)*. São Paulo: Ática, 1981. p.203.

<sup>16</sup> PEIXOTO, Demerval. *A Campanha do Contestado*. p. 55.

<sup>17</sup> VINHAS DE QUEIROZ, Maurício. *Messianismo e Conflito Social ( A guerra sertaneja do Contestado: 1912-1916)*. depoimento de Maria. p. 159

<sup>18</sup> MONTEIRO, Douglas Teixeira. *Os Errantes do Novo Século*. p. 127

predominantemente no plano simbólico. A última também no plano objetivo, lugar que foi de uma resistência para a qual os fiéis reuniram todas as suas energias” .<sup>19</sup>

Essas vilas definiram o espaço social impregnado de religiosidade, tornaram-se os novos centros ordenadores do mundo, substituindo Curitiba, Florianópolis, Rio de Janeiro (do bandido do Hermes) e de Roma (do papa e dos frades).<sup>20</sup>

### 3.4. A Santa Religião

O catolicismo rústico do povo caboclo, que aceitava o catolicismo romanizado através dos sacramentos, dos frades, em determinado momento vai sofrer uma grande transformação passando a considerar como inimigo o que até então era aceito. Já não podemos mais considerar este catolicismo rústico como o anterior, pois aparecem novas formas de viver o sagrado através da implantação de uma nova religião, a "Santa Religião".

Este fator, a Santa Religião, foi importante porque serviu para garantir a motivação e o entusiasmo. Tanto que na fase de organização e ascensão os líderes religiosos possuíam um lugar de destaque. Posição que será ocupada pelos líderes de aptidões militares somente mais para o final da guerra.

O ingresso na Santa Religião, tanto para os coagidos ou não, era igual para todos. Primeiramente passavam por um "rito de purificação", incluindo-se uma espécie de iniciação: "Toda a pessoa deveria ter nome de santo, todo aquele que não tivesse nome de santo teria que ser batizado de novo, teria de ser José Maria, João, Sebastião, todos que fossem nome de santo".<sup>21</sup>

---

<sup>19</sup> Ibidem. p. 128.

<sup>20</sup> Ibidem. p. 128.

<sup>21</sup> VALENTINI, Delmir José. *Da Cidade Santa à Corte Celeste: Memórias de Sertanejos e a Guerra do Contestado* (Depoimento de Antonio Carlos Martins), 1998 p. 99.

Parece-nos algo semelhante ao que ocorre com o batismo cristão (cf. Rm 6,1-11). Era necessário “morrer” para o mundo que pertencera anteriormente e renascer “limpos” ou “pelados” para um novo mundo e fazer parte de uma nova “irmandade”.

### **3.4.1. Disciplina**

A disciplina era notoriamente levada a sério, onde não se permitia a bigamia, os preceitos morais eram rigidamente obedecidos, pois qualquer desvio acarretava penalidades que poderiam ser punições habituais, como surras de vara, ou ainda a expulsão do reduto. "A pessoa tinha de sujeitar-se à severidade dos usos praticados no reduto, os quais implicavam numa rígida moral sexual".<sup>22</sup>

### **3.4.2. A Santa Irmandade**

As Vilas Santas ou novos centros do mundo e a Santa Religião aí vivenciada apresentavam quatro aspectos da prefiguração do Reino, que seriam as normas para compreensão da ideologia das irmandades: as formas, o igualitarismo, a virgindade e a inocência, a festa.

#### **3.4.2.1. Formas**

Era o modo mais evidente onde a irmandade aparece como tentativa de uma ordem caracterizada como um momento forte de exaltação mística. Duas ou três vezes por dia, as pessoas eram obrigadas a comparecerem para as rezas habituais, que se davam através da convocação por meio de cornetas.<sup>23</sup>

Os fiéis cumpriam esse ritual reunidos no quadro santo. Por "Quadro Santo" entende-se: "uma praça retangular onde se situava uma Igreja. Em cada um dos

---

<sup>22</sup> VINHAS DE QUEIROZ, Maurício. *Messianismo e Conflito Social (A Guerra sertaneja do Contestado: 1912-1916)*. p. 21.

quatro ângulos, um grande cruzeiro assinalava os pontos significativos de seu perímetro, demarcando um recinto cuja diferenciação com respeito ao que estava fora era, periodicamente, reforçada por circuitos processionais”.<sup>24</sup>

As pessoas recebiam as ordens do comandante, porta-voz direto ou indireto das potências do céu, que fazia chegar até eles questões práticas e questões de conduta religiosa e moral. Também nesse momento eram aplicados os castigos para aqueles que haviam cometido algum erro. Após rezarem de joelhos, davam nove voltas ao redor do quadro santo, onde eram beijados os cruzeiros e se faziam paradas para cantar, rezar e gritar vivas aos santos, dando destaque para José Maria, João Maria. Depois dispersavam e cada um iria fazer a tarefa que havia recebido.

No entanto, a maneira de realizar tais formas variava muito de reduto para reduto e também sofreu mudanças com o decorrer da guerra. Um exemplo típico são os "doze pares de frança", que inicialmente realizavam uma atividade mais ligada as formas religiosas, com o passar do tempo serão pessoas mais ligadas ao combate.

#### **3.4.2.2. Igualitarismo**

A hierarquia organizacional nos redutos ficou marcada pelo igualitarismo e pela fraternidade existente entre os “irmãos”. “Do que um comia, tudo tinha que comer; do que um bebia, tudo tinha que beber; todos eram irmãos”.<sup>25</sup> As relações entre chefes e comandados se dava via um status adquirido e não a um status atribuído. Quando alguém exercia algum poder de mando no mundo secular, ao entrar para a irmandade, a sua condição anterior quando aproveitada era em decorrência da experiência e não para manter um status. Portanto, pode-se afirmar

---

<sup>23</sup> VALENTINI, Delmir José. *Da Cidade Santa à Corte Celeste: Memórias de Sertanejos e a Guerra do Contestado*. p. 100.

<sup>24</sup> MONTEIRO, Douglas Teixeira. *Os Errantes do Novo Século*. p. 128.

que o igualitarismo suprime os critérios pretéritos e cujo lugar é tomado pelo carisma religioso.

### **3.4.2.3. Virgindade e Inocência**

As virtudes da virgindade e da inocência de modo geral são valorizados antes mesmo do surgimento do movimento. Já nos tempos do segundo monge, João Maria de Jesus, corria entre os sertanejos o boato de que “o oratório portátil do monge era demasiado pesado para os adultos, mas muito leve para as crianças”.<sup>26</sup>

A primeira manifestação de José Maria após a sua morte se deu através de uma virgem, Teodora, mas muitas outras apareceram depois, sendo a mais importante Maria Rosa.

Podemos fazer duas observações referentes ao caso da virgindade e da inocência: primeiro é a passagem desses dois atributos de uma condição de valores limitado nos grupos familiares e difuso nas crenças religiosas rústicas para a condição de valores central de uma comunidade religiosa. Em segundo lugar, as virgindade, está relacionada ao caráter de oferenda e preservação de primícias o que antes tinha um significado de intocabilidade preservada e idealizada como primícia para o varão, agora passa juntamente com a inocência a um patrimônio da irmandade, mas que não lhe pertencia.

### **3.4.2.4. Festas**

A tendência do caboclo em tornar as festas religiosas um momento de diversão, vai ganhar proporções maiores na irmandade. Pois, os dias festivos não acontecem mais de maneira isolada nos dias de alguns santos durante o ano, mas o

---

<sup>25</sup> Ibidem. p. 129.

<sup>26</sup> Ibidem. p. 132.

caráter festivo se torna cotidiano. No entanto, vale lembrar que eram festas sérias, onde predominava o “tempo de angústia”, mais do que o “tempo de alegria”. “Em outros momentos, porém, prevaleciam a efusão e a alegria, assinaladas pelo desperdício de munição nas salvas ruidosas e pelos copiosos churrascos”.<sup>27</sup>

### 3.5. Um final trágico

Toda a esperança dos sertanejos em construir um “novo mundo”, aos poucos foi dando espaço ao exército que naquela época já se encontrava bem formado após a Guerra do Paraguai e Canudos. Mas vale lembrar que estes tiveram muitas baixas e dificuldades para vencer os seus oponentes.

O desfecho de toda a Guerra do Contestado estava próximo de seu final, ainda mais com a tomada do reduto de Santa Maria, lugar que constituía uma verdadeira fortaleza natural. Os sertanejos que daí conseguiram fugir foram para o reduto de Pedras Brancas ou acompanharam Adeodato até o de São Pedro. No entanto estes dois redutos estavam com os dias contados. Logo o de Pedras Brancas cai, sobrando só o de São Pedro, o derradeiro. Os sertanejos encurralados foram sendo vencidos pela fome, doenças e mortes. “A fome castigava. Não possuindo roças e impedidos de saírem para coletar frutas, mel e caçar, os sertanejos não tinham o que comer”.<sup>28</sup> Até que em dezembro de 1915, os vaqueanos os surpreendem enquanto rezavam. Cai o último reduto e o resultado é igual aos demais, pois “havia cadáveres por toda a parte, inclusive de crianças e mulheres, porém poucos eram os prisioneiros. Milhares de fugitivos haviam ganhado o mato em todas as direções”.<sup>29</sup>

---

<sup>27</sup> Ibidem, p. 135

<sup>28</sup> VALENTINI, Delmir José. *Da Cidade Santa à Corte Celeste: Memórias de Sertanejos e a Guerra do Contestado*. p.168.

<sup>29</sup> VINHAS DE QUEIROZ, Maurício. *Messianismo e Conflito Social*. p. 277.

A idéia de um mundo igualitário esperada por muitos chega ao seu final. O que acontece é a dispersão dos caboclos, que já não possuíam mais um lar ou um pedaço de chão para morar, plantar e viver em paz. Como bem definiu Douglas Teixeira MONTEIRO, o que existe são os “errantes do novo século”. No entanto, carregam dentro de si a esperança no monge João Maria, não importando se foi um, dois ou três.

## **CAPÍTULO IV**

### **DO “EXÉRCITO ENCANTADO” PARA A MEMÓRIA DO POVO**

A Guerra do Contestado, especialmente a vida nos redutos deixou marcas profundas nos envolvidos e nos seus descendentes que perduram até os dias de hoje. Não há como negar a lembrança e a simpatia para com a pessoa dos monges, em especial João Maria de Jesus, atribuindo-lhe muitas ações providenciais nas horas de dificuldade.

As boas lembranças em relação aos monges se tornam vivas cada vez que um peregrino recorre a uma gruta, às santas águas ou a uma foto do monge para pedir socorro em detrimento de alguma necessidade ou simplesmente para agradecer por algum bem alcançado.

O monge não apareceu juntamente com o “Exército Encantado” de São Sebastião para combater os “peludos” na Guerra do Contestado, mas ele aparece na memória do devoto para combater todas as dificuldades que este enfrenta na sua vida diária.

#### **4.1. Lugares e movimentos que evocam a memória dos monges**

Os lugares e movimentos que evocam a memória dos monges são muitos e eles podem ser divididos em dois grupos: os que estão diretamente relacionados aos monges (grutas, santas águas, imagem de “São João Maria”, cruzeiros) e os movimentos ligados à questão da terra. Também não podemos deixar de lembrar da Universidade do Contestado, importante instituição de ensino presente na região

que recebeu esse nome, com sede na cidade de Caçador e com vários campus espalhados pela região.

#### **4.1.1. Grutas e Santas Águas**

São inúmeras as grutas existentes na região do Contestado que ao longo do tempo foram se tornando lugares de peregrinação por parte de muitas pessoas. Isso se deu simplesmente pelo fato de terem sido visitadas alguma vez por algum dos monges que lhes deu esse caráter todo especial. Aos poucos foram se tornando lugares sagrados, dando espaços para devoções, rezas e promessas. Não é difícil encontrar uma na região. “Entre outros, é possível citar um cruzeiro existente nas proximidades de Lebom Régis e outro na Serra da Esperança, onde a fonte de água jorra numa encosta, no meio da mata, e a cruz de cedro transformou-se em frondosa árvore”.<sup>1</sup>

#### **4.1.2. Imagem de “São João Maria”**

As estampas mais comuns que correm ainda hoje pela região do Contestado mostram um “indivíduo de barbas encanecidas, o olhar doce, perdido nalgum pensamento distante, as mãos cruzadas sobre os joelhos, mãos de dedos longos e finos... à cabeça, um barrete de peles; aos pés, alpercatas simples. Calças brancas e paletó de fazenda enxadrezada... rosários de contas cruzam-lhe o peito”.<sup>2</sup>

O fato de João Maria ter vivido entre os caboclos permitiu que eles conhecessem um homem cheio de virtudes, as quais compreendiam bem. Isto fez com que se tornasse um dos protetores dos sertanejos, pois na sua vida dirigiu-lhes a palavra, deu-lhes remédio, curou-lhes e os aconselhou. Não é de se estranhar que

---

<sup>1</sup> VALENTINI, Delmir José. *Da Cidade Santa à Corte Celeste: Memórias de Sertanejos e a Guerra do Contestado*. p.184.

<sup>2</sup> CABRAL, Osvaldo R. . *João Maria: interpretação da Campanha do Contestado*. p. 169-170.

muitas pessoas ainda nos dias de hoje respeitem, venerem e considerem legítimo o culto a João Maria, a São João Maria. Por isso, é considerado o santo do sertanejo e a estampa que dizem ser o seu retrato “desfruta do privilégio de possuir um lugar certo em todos os oratórios toscos das casas e choupanas do homem do planalto. Foi um homem bom – e o povo o santificou...”<sup>3</sup>

#### 4.1.3. Questões ligadas a terra

Muitas vezes quando falamos das questões relacionadas a ocupação e apropriação das terras em nosso país, corremos o risco de acreditar que seja uma problemática surgida a poucas décadas. No entanto, estas questões muitas vezes surgiram em acontecimentos muitos anteriores. Na região do Contestado podemos situá-las junto aos fatores que antecederam a Guerra do Contestado. Para isto, vale lembrar toda a questão das terras devolutas da união e a enorme faixa de terra cedida pelo governo ao longo da Ferrovia São Paulo - Rio Grande para a empresa Lumber, como parcela de pagamento para a construção da Ferrovia. Não importando se naquela região existia pessoas que moravam aí a muito tempo ou não. “A Lumber espalhou suas serrarias em várias localidades; explorou exaustivamente grandes reservas florestais; expulsou antigos posseiros da região com a conivência do governo e inúmeros coronéis, por meio de seu particular ‘Corpo de Segurança’ ”.<sup>4</sup> Portanto, nos dias de hoje, quando se fala nas questões relacionadas a terra na região do Contestado, se procura ter em mente tais acontecimentos.

---

<sup>3</sup> Ibidem. p.170.

<sup>4</sup> RIBEIRO, REB, Hércion. “Contestado: A Força dos Fracos”. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Vol. 47, fasc. 186, junho de 1987. p. 397.

#### 4.1.3.1. Romaria da Terra

O fato da Comissão Pastoral da Terra de Santa Catarina ter escolhido Taquaruçu como lugar da Primeira Romaria da Terra do Estado, que ocorreu no dia 14 de setembro de 1986, aconteceu porque os seus organizadores pretenderam fazer uma relação entre a Romaria e o Contestado. Essa relação se dá porque tanto um como o outro evento estão ligados a força histórica dos fracos em Santa Catarina.

“A escolha de Taquaruçu para sediar a primeira Romaria tem fundamentação histórica e escatológica. Foi em Taquaruçu que os caboclos, pobres e crentes instalaram a “cidade santa”, em 1913, como sinal de libertação que eles aguardavam a partir da “ressurreição” de José Maria, e como sinal da implantação de um novo reino onde já experimentavam viver como irmãos tendo tudo em comum... também foi em Taquaruçu que os dominadores – o governo e as forças militares de repressão – foram derrotados pela primeira vez, a 28 de dezembro de 1913, pelos caboclos analfabetos e desmilitarizados.”<sup>5</sup>

As outras duas Romarias da Terras que se seguiram, em Papanduvás e Ponte Cerrada, também aconteceram na região do Contestado. Isto demonstra que a expulsão dos caboclos de suas terras está fortemente presente nas gerações que os sucederam.

#### 4.1.3.2. Assentamentos

Muitos dos assentamentos dos sem terras na região procuram uma certa identificação com os caboclos da Guerra do Contestado, talvez buscando aí uma forma de inspiração e motivação para as conquistas de hoje. Isto é possível ver pelo nome de alguns dos assentamentos:

- **João Maria:** assentamento localizado na região do Contestado, mais precisamente no município de Lebon Régis.
- **Contestado:** está localizado no município de Fraiburgo – SC, próximo da localidade de Taquaruçu de Cima, lembrando que este teve um lugar de

destaque no período da Guerra do Contestado, pois segundo a profecia de José Maria era aí que ele deveria ressuscitar, também foi onde teve o primeiro reduto chegando a receber o atributo de “Cidade Santa”.

---

<sup>5</sup> Ibidem. p. 393.

## CONCLUSÃO

A Guerra do Contestado foi à luta dos caboclos oprimidos e esquecidos, que mal compreendidos são repreendidos pela força e pela violência institucionalizada, onde a religião católica-popular vai apresentar-se como única saída. Poderíamos dizer, como um fator aglutinador, porque frente as inseguranças do cotidiano será ela quem trará a proteção das forças sagradas, apresentará um conjunto de certezas fundamentais e frente a negação da pessoa do caboclo é quem dará a possibilidade de construir a sua identidade. Através da religião, são reproduzidos conhecimentos antigos e novos são criados, capazes de dar significado para o seu dia-a-dia. Enfim, essa religiosidade cabocla era o espaço onde os homens marginalizados podiam construir suas formas de resistência e luta face ao cotidiano opressor.

Podemos dizer que os monges ocuparam um papel central, pois suas pregações tinham uma conotação milenarista e messiânica de transformação do mundo. A figura do monge deu a possibilidade aos caboclos de negarem a realidade vigente fortemente opressora.

Com o final da Guerra do Contestado, os comandantes do Exército envolvidos receberam homenagens oficiais, enquanto que os monges receberam um lugar especial na memória do povo caboclo. Memória que se tornou presente, alimentada pelas palavras que deixaram nas orações dos patuás, nos benzimentos, na recordação das profecias e nas diversas águas santas (grutas).

A Igreja Católica aprendeu a lição de que não poderia evangelizar os caboclos através de métodos ortodoxos e por não ter dado, desde o início, atenção às diferentes manifestações de seus fiéis. Mesmo com o aumento de capelas e paróquias a evangelização do caboclo foi se processando de maneira lenta. No entanto, a estampa de "São João Maria", sempre era possível encontrá-la nas casas dos caboclos e ainda hoje se faz presente.

## BIBLIOGRAFIA

- d' ASSUMPÇÃO, Herculano Teixeira. *A Campanha do Contestado*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1917, volume I.
- AURAS, Marli. *A Guerra Sertaneja do Contestado: organização da irmandade cabocla*. Florianópolis, 1984.
- ÁVILA DA LUZ, Aujor. *Os Fanáticos: crimes e aberrações da religiosidade dos nossos caboclos*. Florianópolis, 1952.
- AZZI, Riolando. *Perpectiva Teológica*. Ano XIII - N° 29 - 31, 1981.
- \_\_\_\_\_. *O Altar Unido ao Trono: um projeto conservador*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- \_\_\_\_\_. *O Estado Leigo e o Projeto Ultramontano*. São Paulo: Paulus, 1994.
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *João Maria: interpretação da campanha do contestado*. São Paulo: Nacional, 1960.
- CAVALCANTI, Walter Tenório. *A Guerra do Contestado: Verdade Histórica*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1995.
- DELLACAVA, Ralph. *Milagre em Juazeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- DOURADO, Ângelo. *Voluntários do Martírio - Narrativa da Revolução de 1893*. Porto Alegre: Martins Livreiro - Editor, 1977.
- FACHEL, José Fraga. *Monge João Maria: recusa dos excluídos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS e UFSC, 1985.
- FELIPPE, Euclides José. *O Último Jagunço*. Curitiba: Universidade do Contestado, 1995.
- GORNISKI, Aramis. *Monges, Vidas, Milagres, Histórias, Lendas*. Lapa: Editora Gráfica Nossa Senhora Aparecida, pós moderno, 1980.
- LEMOS, Alfredo de Oliveira e Zélia A.. *A História dos Fanáticos em Santa Catarina e parte da minha vida naqueles tempos: 1913-1916*. Passo Fundo: Gráfica e Editora Pe. Berthier, 1989.
- LUSTOSA, Oscar de F. *A Presença da Igreja no Brasil*. São Paulo: Gira, 1977.
- MONTEIRO, Douglas Teixeira. *Os Errantes do Novo Século*. Série Universidade 2. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

- PAWULS, P. G.. "Contribuição para o Estudo do Fanatismo no Sertão Sul-Brasileiro". *Revista de Filosofia e História*, Tomo li, fasc. 3, 1933.
- PEIXOTO, Demerval. *A Campanha do Contestado - Episódios e Impressões*. Rio de Janeiro, 1916.
- RIBEIRO, Hércion. "Contestado: A força dos fracos". *Revista Eclesiástica Brasileira*, vol. 47, fasc. 186, junho de 1987.
- SILVEIRA, Juvenal Borges da. *Quem foi o Monge Maria de Agostinis?* Blumenau em Cadernos (16): pós moderno, 1975.
- SINZIG, Frei Pedra. *Frei Rogério de Neuhaus*. Petrópolis: Vozes, 1939.
- THOMÉ, Nilson. *Sangue, Suor e Lágrimas no Chão Contestado*. Caçador: INCON Edições/Unc, 1992.
- TOTA, Antonio Pedra. *Contestado: a guerra do novo mundo*. Coleção Tudo é História. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- VALENTINI, Delmir José. *Da Cidade Santa à Corte Celeste: memórias de sertanejos e a Guerra do Contestado*. Caçador: Universidade do Contestado - Unc, 1998.
- VINHAS DE QUEIROZ, Mauricio. *Messianismo e Conflito Social (a guerra sertaneja do Contestado: 1912-1916)*. São Paulo: Ática, 1981.